



“Sou uma contadora de histórias”

Um projeto, um tema, uma risca que é como um caminho. A designer de interiores Nini Andrade e Silva anda há 30 anos a seguir um percurso pelo mundo que a há de levar de volta à origem, a Madeira

TEXTO CAROLINA REIS

É como uma profecia que se cumpre sempre que um projeto chega ao fim, de cada vez que uma casa ou hotel fica pronto a usar. A imagem pode parecer exagerada, mas é assim que a *designer* de interiores Nini Andrade e Silva encara o caminho de vida que vem percorrendo. A sua assinatura está espalhada pelo mundo, com projetos da Colômbia à Arábia Saudita, em hotéis que já lhe valeram vários prémios e referências em revistas internacionais. São 30 anos de carreira. Um passo na profecia, no caminho que a levará de volta a onde tudo começou: a Madeira. Será no Design Center, inaugurado este verão, e na Associação Garouta do Calhau, projeto social que lançou em 2003, que Nini espera terminar o seu percurso de vida. “Acredito que o caminho que fiz pelo mundo é para poder ter nome e pedir coisas para outras pessoas.”

Os traços são os de sempre. Um projeto, um tema, uma história que começa na entrada e se desenrola enquanto acompanha o resto da arquitetura. “Sou uma contadora de histórias, já há muito tempo.” Nini não vê sentido algum em ter uma linha e segui-la — o mesmo tom, o mesmo tema — em todos os espaços nos quais se aventura a criar interiores que se querem acolhedores e modernos. “As coisas têm que ter a ver com o sítio.” O *Beautique Hotel Figueira*, na Praça da Figueira em Lisboa, tem o interior feito como se fosse esse tipo de árvore. O *The Wine*, no Funchal, foi pensado em torno das vinhas. O *BOG*, em Bogotá, na Colômbia, partiu dos tesouros naturais daquele país sul-americano, o ouro e a esmeralda.

Na sua mais recente obra, o antigo Palácio do Governador da Torre de Belém, agora transformado em hotel, tudo gira em torno das Descobertas. “Depois de visitar o espaço, encontrei um senhor que tinha umas peças da Companhia das Índias. Foi um acaso.” Das jarras e vasos azuis nasceu tudo o resto, as almofadas pintadas à mão, o azul que cobre os andares até o verde jardim se cruzar com a vista para o Tejo. A dar as boas vindas a quem chega está um grande rinoceronte. “No século XVI, o rei D. Manuel I decidiu enviar um rinoceronte ao Papa, para pedir apoio e reforçar o prestígio nacional depois das conquistas no Oriente.” O animal, que tinha sido oferecido pelo rei Modofar ao reino português, não resistiu à viagem, mas o seu corpo foi embalsamado e enviado de volta ao Vaticano. Na capital do império, o rinoceronte foi imortalizado numa das guaritas da Torre de Belém. “Queremos que as pessoas quando cheguem se interroguem e acabem por ir descobri-lo ao monumento.”

A ligação entre os elementos e o espaço é a forma de afirmar que o design de interiores não é apenas decoração. Ou melhor, é muito mais do que isso. Não se limita a escolher cadeiras e *bibelots* e a espalhá-los pelo espaço. “Quando comecei gostava de comprar as peças de design que existiam, hoje em dia faço as minhas próprias peças. Coisas só para aqueles espaços. Não fazia sentido ter um hotel e apenas pôr cadeiras e mesas. Tinha de contar uma história, ter um ponto em comum.” Daí que, subtilmente, haja sempre um traço nos tapetes de todos os espaços que cria. “Essa risca é o meu caminho, o meu projeto de vida.” De cada vez que chega ao

fim, é como se fosse um filho a sair de casa. “É por isso que me emociono sempre. Acabar uma obra é como dizer adeus a alguém que parte de vez. Choro sempre.”

A LOUCURA DA CRIAÇÃO

O que inspira um criativo? Onde vai buscar as ideias? Quais são as etapas do processo de criação? Como se começa a definir uma história? Há os habituais blocos de notas à beira da cabeceira, o andar na rua a observar tudo e todos os que passam, o ficar em frente ao mar. O método de Nini, que se define como alguém que está permanentemente em busca de ideias, tem muita loucura. “Costumo dizer às pessoas que trabalham comigo: vamos enlouquecer. Ponham o trabalho que estão a pensar fazer numa revista, se não pararem nessa página, nem vale a pena mostrar. Se acharem que é uma grande loucura, então, venham ter comigo.”

O “nós” é um sujeito que surge com frequência, muita frequência,

Quando comecei gostava de comprar as peças de design que existiam, mas hoje em dia faço as minhas próprias peças

no discurso. Nos ateliês, em Lisboa e no Funchal, Nini Andrade e Silva tem uma equipa que constrói o símbolo de validação que o nome da madeirense emprega. “Sou uma marca, passaram 30 anos, houve muitas pessoas envolvidas, que ninguém conhece, que fizeram de mim o que sou hoje. Quando falo de alguma coisa penso nas pessoas que estão no ateliê a trabalhar.”

A designer que dá a cara pela equipa, o singular do plural, tem agora um novo centro da vida, o Design Center. Está no Funchal, no Forte de Nossa Senhora da Conceição, com vista para a cidade. Não estava pensado para ser ali, mas a insistência de um dos sobrinhos assim o ditou. Calhou bem. Perdido neste imóvel de valor histórico, estavam fotografias de um rapaz da mergulhança, os rapazes que antigamente mergulhavam para apanhar as moedas que os turistas deitavam ao mar. Já depois de decidir homenagear estes jovens, Nini encontrou o rapaz das imagens. “Lembro-me que lhes rapavam a cabeça, para serem identificados na rua.” Foi também para isso que a designer criou a Associação da Garouta do Calhau [as pedras basálticas da praia da ilha], e que hoje é responsável por atividades que envolvem crianças e famílias carentiadas, como os campos de férias de verão, por exemplo. “Os trabalhos extra-ateliê que faço, como um que fiz agora com o IKEA e com a ESAL, revertem para lá. O que pedi foi móveis para famílias que precisavam. Foi impressionante ver o contentor chegar, sabe.” Lado a lado, as duas instituições prendem-na ainda mais ao Funchal e ao fim da história. Como se isso fosse preciso. ●